

MEMÓRIA COLETIVA E LUTA PELA TITULAÇÃO FUNDIÁRIA: Um Estudo da Comunidade Quilombola do Sutil em Ponta Grossa (PR)

Área Temática:
Direitos Humanos e Justiça

Coordenador(a) da atividade: Elizabeth S. de SOUZA

Bruno Ribeiro LEAL[1]; Elizabeth S. de SOUZA; Elizabeth JOHANSEN.

Projeto de Extensão:
Nas trilhas do Quilombo do Sutil: memória, identidade e patrimônio cultural

Resumo: A Comunidade Remanescente Quilombola do Sutil, em Ponta Grossa (PR), constitui exemplo de resiliência da população afro-brasileira. Sua formação remonta à doação de terras da Fazenda Santa Cruz, em 1854, ato que marcou simbolicamente sua autonomia. A luta por reconhecimento e justiça fundamenta-se na memória coletiva, transmitida pela oralidade e responsável por reforçar a identidade do grupo. Como apontam os estudos de campo, a memória oral desempenha papel central na disputa fundiária, funcionando como recurso político e histórico na defesa da posse da terra. Este trabalho analisa como essa memória se manifesta na luta pela titulação fundiária, articulando narrativas de experiência pessoal com outras fontes documentais. Os resultados esperados envolvem o fortalecimento da identidade coletiva, a valorização das tradições locais e o reconhecimento jurídico do direito à terra.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola do Sutil. Memória coletiva. Titulação de terras.

INTRODUÇÃO

A história da Comunidade Quilombola do Sutil resulta de um processo de formação que remonta ao período escravista e se estende até a busca atual por reconhecimento e justiça. Sua origem está ligada à doação de terras da Fazenda Santa Cruz em 1854 (PINTO; MEZZOMO, 2012). Após a abolição, a comunidade manteve suas tradições por meio da oralidade e da cooperação mútua. Nesse contexto, a memória não foi apenas um fenômeno individual, mas

[1] Apresentador (a).

coletivo e social, estando sujeito a constantes transformações (POLLAK, 1992). De acordo com Michael Pollak, a memória pode ser "herdada" e transmitida entre gerações, constituindo elemento essencial da identidade individual e coletiva. Tal perspectiva evidencia a memória como instrumento de resistência, afirmação cultural e reivindicação de direitos humanos.

Este trabalho demonstra como essa memória coletiva, ligada à herança da Fazenda Santa Cruz, consolidou-se como instrumento central na luta por titulação fundiária. A memória, nesse sentido, funciona como guardiã dos acontecimentos passados e "depósito de lembranças", fundamentais para a identidade do grupo, especialmente diante dos desafios de infraestrutura e das dificuldades da vida no campo, conforme relatam os moradores.

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é analisar como a memória coletiva da comunidade, ligada à herança da Fazenda Santa Cruz e ao processo de doação de terras, se tornou um dos principais recursos na luta pela titulação fundiária. Além disso, busca-se valorizar a memória oral como instrumento de preservação cultural e de legitimação da identidade coletiva, articulando essas reflexões ao projeto de extensão *"Nas trilhas do Quilombo do Sutil"*, voltado à construção de inventário patrimonial participativo.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica baseia-se na análise documental, na história oral e no diálogo com referenciais teóricos sobre memória. As primeiras reflexões foram desenvolvidas na disciplina de História do Brasil III, que discutia o período imperial da sociedade brasileira e possuía carga horária extensionista. Na época, o objetivo era compreender a formação socio-histórica do Quilombo do Sutil durante o Oitocentos. Agora, a análise avança ao priorizar a

memória coletiva como eixo central da luta fundiária. Para tanto, foram realizadas entrevistas com moradores, observação em campo, registros em diários, coleta de áudios em veículos de comunicação e oficinas de preparação sobre a construção do inventário participativo.

Para a análise da memória e da oralidade, utilizei as contribuições de Verena Alberti (2004) e Michael Pollak (1992). Alberti sugere que as narrativas de experiência pessoal, como as entrevistas de história oral, têm um caráter "acontecimental", onde a palavra é ação e não apenas representação da realidade. Nesse processo, o que parecia indizível torna-se dizível, e a palavra favorece a tomada de consciência. Michael Pollak, por sua vez, defende que a memória coletiva é um objeto de disputa política, onde conflitos sociais e intergrupais influenciam quais eventos e datas permanecem na memória de um povo. A memória sobre a Fazenda Santa Cruz e da luta pela terra se enquadra perfeitamente nesse cenário.

RESULTADOS

A história do Sutil é marcada pela memória e pela luta. A doação das terras da Fazenda Santa Cruz, em 1854, é um "marco" ou "ponto invariante" na memória da comunidade, conforme a teoria de Pollak. Esse evento não é apenas um fato histórico, mas um elemento transmitido intergeracionalmente e assumido como fundamento da identidade do grupo. A luta pela titulação fundiária, portanto, não é apenas uma questão legal, mas uma batalha pela validação dessa memória. O processo de titulação exige a comprovação histórica da posse da terra, e as narrativas orais tornam-se evidências.

A Constituição Federal, em seu artigo 68 do ADCT, garante às comunidades quilombolas a propriedade definitiva das terras ocupadas, o que torna a memória oral um recurso fundamental na comprovação histórica da posse. Nesse sentido, a oralidade transforma-se em ato político, convertendo recordações em instrumento de resistência. Exemplos como os relatos de Dona Neiva e a existência de lugares de memória – como a gruta com placas alusivas às

comunidades Sutil, Tabuleiro e Santa Cruz - reforçam a representação física e simbólica dessa conexão histórica e identitária. Mesmo diante do enfraquecimento de tradições como a Festa de São Benedito e a dança do catira, a memória oral mantém viva a continuidade cultural e sustenta o vínculo entre identidade, territorialidade e dignidade.

1.Memorial das Comunidades Santa Cruz, Tabuleiro e Sutil.



Fonte**:** Lente Quente, 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso da Comunidade Quilombola do Sutil demonstra a indissociável ligação entre memória coletiva, herança fundiária e luta por reconhecimento. A memória da doação da Fazenda Santa Cruz, em 1854, e das disputas subsequentes é um fator crucial na construção da identidade e na legitimação da reivindicação por titulação.

Nesse contexto, a memória oral não é apenas uma recordação do passado, mas um instrumento político ativo, que molda a identidade, gera a coesão do grupo e fundamenta a luta por justiça e dignidade. O projeto de extensão *'Nas trilhas do Quilombo do Sutil'* contribui

diretamente para essa luta ao promover visibilidade acadêmica e social da comunidade, fortalecendo sua identidade e ampliando o debate em torno dos direitos humanos e da justiça social.

APOIO

Agradeço à docente ministrante da disciplina, Elizabeth Santos de Souza; à doutoranda Marcela Cristina Bettega; às acadêmicas Deisy Anne Coimbra de Araújo e Manuela de Oliveira Marcondes, pela visitação ao Quilombo Sutil e pelo compartilhamento dos diários de campo; à mestranda Giovana Paganini, pelo compartilhamento dos áudios da visitação; à Dona Neiva, por receber o grupo visitante da universidade e conceder a entrevista para o trabalho; bem como à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais (PROEX) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e à Fundação Araucária.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. “O que documenta a fonte oral: a ação da memória.” In: Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

ARAÚJO, Deisy Anne Coimbra de. Diário de Campo-Quilombo Sutil. Ponta Grossa: UEPG, 2025. Documento acadêmico não publicado.

BETTEGA, Marcela Cristine. Anotações de campo - Quilombo Sutil. Ponta Grossa: UEPG, 2025. Documento acadêmico não publicado.

LEAL, Bruno Ribeiro; PINHEIRO, Emanuel Balbino. O processo de formação histórica da Comunidade Remanescente Quilombola do Sutil em Ponta Grossa - Pr. Ponta Grossa: UEPG, 2025. Documento acadêmico não publicado.

MARCONDES, Manuela de Oliveira. Relato de Neiva, moradora da Colônia Sutil. Ponta Grossa: UEPG, 2025. Documento acadêmico não publicado.

PAGANINI, Giovana. Áudios de entrevista - Quilombo Sutil. Ponta Grossa: UEPG, 2025. Arquivos não publicados.

PINTO, Sueli de Souza; MEZZOMO, Frank Antonio. A formação da comunidade quilombola no estado do Paraná: experiências do quilombo Sutil. In: ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – EPCT: ÉTICA NA PESQUISA CIENTÍFICA, 2012, Ponta Grossa. Anais [...] Ponta Grossa, 2012. p. 1-10.

POLLAK, Michael - 1992 - “Memória e identidade social”, Estudos Históricos. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v.5, n.10, 1992.

SANTOS, Merylin Ricieli dos. Um território de memórias negras: conexões possíveis e histórias viáveis. Revista de História e Historiografia, 2023.